

Omissão de material idêntico em estruturas coordenadas: elipse *versus* ATB

Madalena Colaço
FLUL, Onset-CEL

Introdução

Este trabalho assenta nas seguintes ideias centrais:

- (i) A omissão de material idêntico no segundo termo coordenado é uma propriedade geral da coordenação, guiada por um princípio básico de economia destinado a evitar a redundância.
- (ii) A opção, em estruturas coordenadas, por uma construção elíptica é uma das estratégias disponíveis nas línguas para evitar a redundância.
- (iii) O movimento simultâneo (*across-the-board*, doravante ATB) é também uma estratégia para evitar a redundância.
- (iii.i) ATB designa uma configuração específica obtida a partir de um princípio de economia na numeração.

1. A omissão de material idêntico no segundo termo coordenado como uma propriedade geral da coordenação

A preferência pela não repetição de material lexical no segundo termo é um fenómeno sistemático nas estruturas coordenadas, sobretudo quando dessa repetição decorre a presença de informação redundante.

Antes de mais, importa salientar que a repetição de material lexical no segundo termo coordenado nem sempre produz agramaticalidade. Com efeito, (1) e (2) são frases bem formadas, apesar de conterem elementos idênticos nos termos coordenados:

- (1) A Maria estudou Matemática e a Ana estudou Português.
- (2) O João pretende trabalhar bastante e pretende arranjar um bom emprego.

No entanto, existem diversas situações em que a repetição de material lexical conduz a má formação. É o que acontece em frases como (3)-(5), quando são produzidas em contextos não marcados:

- (3) A Maria estudou Matemática e a Maria preparou-se para o teste de Português.
- (4) A Maria levou o Francisco à exposição e apresentou o Francisco às amigas.
- (5) A Maria estudou Matemática e a Ana estudou Matemática.

Em alguns casos, esta má formação tem sido atribuída a efeitos da Teoria da Ligação ou a efeitos de natureza pragmática.

A repetição de material lexical no segundo termo coordenado em construções como as ilustradas em (3)-(5) pode, no entanto, em certos contextos, ser viabilizada por factores de natureza discursiva: a redundância torna-se legítima se for produzida e interpretada como o resultado de uma intenção enfática (esta ideia está presente em trabalhos de diversos autores; veja-se, por exemplo, Chomsky (1981)).

A ilegitimidade da ocorrência de material lexical repetido no segundo termo coordenado está directamente associada à produção de informação redundante. Na verdade, existem contextos em que a repetição de material não produz, efectivamente, redundância, como se observa em frases como (6) e (7):

- (6) Duas pessoas ficaram feridas e duas pessoas morreram no acidente de ontem.
(Interpretação: duas pessoas diferentes)
- (7) Que livro é que o Pedro comprou e que livro é que a Maria leu?
(Interpretação: livros diferentes)

Nestes casos, a presença ou ausência de material lexical repetido tem consequências ao nível da interpretação, como é notório pelo confronto entre (6)-(7) e (8)-(9):

- (8) Duas pessoas ficaram feridas e morreram no acidente de ontem.
(Interpretação: as mesmas duas pessoas)
- (9) Que livro é que o Pedro comprou e a Maria leu?
(Interpretação: o mesmo livro)

A repetição de material lexical no segundo termo coordenado parece tornar-se mais facilmente legítima quando o material repetido não é referencial (como acontece nos exemplos de trás, em que as sequências em questão correspondem, respectivamente, a uma expressão nominal quantificada indefinida e a um constituinte *wh*). Com efeito, neste caso não existe redundância.

A observação destes dados permite-nos, então, relacionar a ilegitimidade da repetição de material lexical no segundo termo coordenado com a presença de informação redundante.

A gramática de cada língua disponibiliza uma diversidade de mecanismos que permitem evitar a repetição de material lexical, mediante a utilização de construções alternativas às ilustradas nos exemplos (1)-(5). Estes mecanismos são muito diversos, indo desde a não realização fonética de material repetido até à utilização de formas pronominais ou mesmo à opção por estruturas de coordenação sintagmática. Em (10)-(13), apresentamos alguns exemplos que ilustram, respectivamente, construções alternativas às que apresentámos atrás, sendo que nestas não se verifica a repetição de material lexical:

- (10) A Maria estudou Matemática e a Ana Português.
- (11) A Maria estudou Matemática e preparou-se para o teste de Português.
- (12) A Maria levou o Francisco à exposição e apresentou-o às amigas.
- (13) a. A Maria estudou Matemática e a Ana também.
b. A Maria e a Ana estudaram Matemática.

Muito embora, como foi dito anteriormente, alguns casos de ilegitimidade da repetição de material lexical no segundo termo coordenado sejam, por vezes, vistos como decorrentes de efeitos da Teoria da Ligação – concretamente, efeitos do Princípio C -, a verdade é que a mesma ilegitimidade se verifica em construções que claramente não exibem os referidos efeitos. Assim, por exemplo, em frases como as que apresentamos em (14) e (15) não se colocam questões de Ligação entre as expressões lexicalmente idênticas:

- (14) O João disse que a Maria foi ao supermercado e que a Maria voltou carregada de compras.
- (15) O João escreveu à Maria e o Pedro escreveu à Maria.

A sua difícil aceitabilidade numa interpretação de correferência e em contextos não enfáticos parece, então, resultar essencialmente da presença de redundância.

Concluimos, pois, que a não repetição de material lexical no segundo termo coordenado decorre da utilização de estratégias que permitem evitar a redundância, uma vez que esta é causa de agramaticalidade: o material redundante não é produzido, uma vez que a sua presença explícita no segundo termo coordenado não tem conteúdo informativo, uma vez que pode ser recuperado em termos interpretativos.

O que pretendemos demonstrar em seguida é que a omissão de material lexical idêntico em construções elípticas e em construções que envolvem o movimento simultâneo (ATB) de constituintes pode ser encarada como uma consequência da opção (por vezes, obrigatória em contextos não enfáticos) pela construção de uma estrutura não redundante.

2. A opção por construções elípticas como uma forma de evitar a redundância

A elipse não é, naturalmente, um fenómeno exclusivo das estruturas coordenadas. No entanto, como é sabido, a coordenação favorece particularmente a ocorrência de estruturas elípticas. Neste trabalho, não pretendemos tratar o fenómeno da elipse na coordenação. Pretendemos, no entanto, englobá-lo numa propriedade geral que acreditamos subjazer a qualquer sistema linguístico, que é a propriedade geral da economia. Paralelamente a outros mecanismos destinados a evitar a produção de redundâncias, a elipse pode, neste sentido, ser encarada como uma forma de evitar a realização fonética de material que, ou é lexicalmente idêntico a material que ocorre explicitamente num outro ponto da estrutura, ou então é recuperável pelo contexto linguístico ou pelo contexto discursivo. Em qualquer um destes casos, a possibilidade

de recuperar o material elidido torna a sua realização redundante, pelo que é possível omiti-lo.

Como disse Merchant (2001), a elipse parasita na redundância. Esta ideia está, de resto, presente em diversos trabalhos sobre construções elípticas (veja-se, por exemplo, Matos (1992) e (2003)). Com efeito, apesar do comportamento heterogéneo das diferentes formas de elipse, um aspecto que une estas construções é precisamente o facto de o material elidido ser sempre material recuperável, pelo que a sua presença explícita não produz efeitos na interpretação:

- (16) a. A Maria estudou Matemática e a Ana estudou Português.
b. A Maria estudou Matemática e a Ana Português. (Elipse Lacunar)
- (17) a. O Pedro tem ido ao cinema e a Maria tem ido ao cinema.
b. O Pedro tem ido ao cinema e a Maria também tem. (Elipse de SV)
- c. O Pedro tem ido ao cinema e a Maria também. (Despojamento)
- (18) a. O filho da Maria faz natação e o filho da Ana joga futebol.
b. O filho da Maria faz natação e o da Ana joga futebol. (Elipse nominal)

A intenção de evitar a redundância surge, então, como um factor determinante para a construção de estruturas elípticas.

3. A opção por construções com movimento simultâneo como uma forma de evitar a redundância

Nas frases interrogativas *wh* coordenadas, a presença de apenas um constituinte *wh* ou de um constituinte *wh* em cada termo coordenado conduz a diferentes interpretações:

- (19) a. Que livro é que o Pedro comprou e a Maria leu?
(Interpretação: o mesmo livro)
- b. Que livro é que o Pedro comprou e que livro é que a Maria leu?
(Interpretação: livros diferentes)

Apesar de os constituintes *wh* não constituírem expressões referenciais – no sentido de Chomsky (1981) –, a presença de apenas um constituinte *wh* associado aos dois termos coordenados induz uma interpretação próxima da correferência, uma vez que o constituinte em questão é obrigatoriamente interpretado como estando envolvido na relação de predicação estabelecida por cada um dos termos coordenados. Assim, em (19.a) está contida a pressuposição de que o mesmo livro foi comprado pelo Pedro e lido pela Maria. Pelo contrário, uma interpretação de referência disjunta só é possível mediante a ocorrência de um constituinte *wh* com realização lexical em cada termo coordenado, numa construção em que se verificam os chamados movimentos paralelos. Assim, a interpretação de (19.b) implica a pressuposição de que o livro comprado pelo Pedro e o livro lido pela Maria não são, ou podem não ser, o mesmo livro.

As mesmas considerações são extensíveis a outras construções. Nos exemplos de (20), a ocorrência de um constituinte topicalizado associado a dois termos coordenados

ou a presença de um constituinte topicalizado em cada termo coordenado (excluindo, mais uma vez, os contextos de repetição enfática) produz os mesmos efeitos observados atrás sobre a interpretação:

- (20) a. À Maria, o Pedro escreveu uma carta e o João telefonou.
 (Interpretação: a mesma Maria)
 b. À Maria, o Pedro escreveu uma carta e à Maria, o João telefonou.
 (Interpretação: Marias diferentes)¹

Também neste caso, a repetição de material lexical apenas se torna possível se não existir, entre os constituintes repetidos, uma relação (pelo menos, próxima) de coreferência, uma vez que, assim sendo, a informação não é redundante.

A realização de movimento simultâneo tem sido frequentemente encarada, desde Ross (1967), como uma alternativa ao movimento assimétrico, em que um constituinte se move a partir de apenas um dos termos de uma estrutura coordenada. Assim, frases como as apresentadas em (19.a) e (20.a) são frequentemente encaradas como uma alternativa gramatical a sequências como as que apresentamos, respectivamente, em (21) e (22), consideradas agramaticais por constituírem violações à Condição da Estrutura Coordenada (*Coordinate Structure Constraint*):

- (21) *Que livro é que o Pedro comprou e a Maria leu uma revista?
 (22) *À Maria, o Pedro escreveu uma carta e o João telefonou à Ana.

Efectivamente, a realização de movimento simultâneo tem sido muitas vezes vista como uma forma de preservar o paralelismo tipicamente associado às estruturas coordenadas, obrigando a que o movimento sintáctico afecte em simultâneo ambos os termos da coordenação.

Em Colaço (2005) e (2006), questionámos a existência de uma relação directa entre a agramaticalidade de sequências como as ilustradas em (21) e (22) e a ocorrência de movimento sintáctico. Um dos argumentos que apresentámos reside no facto de, em construções que envolvem constituintes *wh*, a ocorrência de um constituinte *wh in situ* no interior de um dos termos coordenados – nomeadamente, do primeiro – gerar, igualmente, agramaticalidade. Veja-se (23):

- (23) *O Pedro comprou que livro e a Maria leu uma revista?

¹ A aceitação da gramaticalidade de uma frase como (20.b) é um pouco forçada, uma vez que se trata de uma situação em que duas expressões referenciais são lexicalmente idênticas, mas referencialmente distintas. Este aspecto foi notado por um dos revisores deste texto, a quem agradeço o reparo, que considerou (20.b) agramatical, a menos que a sua produção fosse acompanhada pela realização, por exemplo, de um gesto que permitisse distinguir as duas Marias. A inclusão desta frase neste ponto do trabalho teve, no entanto, como finalidade mostrar que, à semelhança do que acontece relativamente às frases apresentadas em (19), a repetição de material lexical em (20) – eventualmente acompanhada do referido gesto identificador – produziria forçosamente uma interpretação de referência disjunta.

Por outro lado, constatámos que uma interpretação marcada discursivamente pode, em certos contextos, atenuar esta agramaticalidade, diminuindo também a ilegitimidade do movimento assimétrico a partir do primeiro termo coordenado, como está ilustrado nos exemplos de (24):

- (24) a. – ?Desculpa, disseste que o Pedro comprou que livro e a Maria leu uma revista?
 b. – ?Desculpa, que livro disseste que o Pedro comprou e a Maria leu uma revista?

Assim, concluímos que a agramaticalidade geralmente atribuída à ocorrência de movimento assimétrico decorre, na realidade, de propriedades gerais das estruturas coordenadas, nomeadamente de questões relacionadas com compatibilidade sintáctica e semântica entre os termos coordenados. Esta conclusão acarreta a consequência de se considerar que o movimento simultâneo não é, na verdade, uma alternativa ao movimento assimétrico, como tem sido frequentemente assumido. Segundo cremos, trata-se, antes, de uma alternativa à ocorrência de movimentos paralelos nos termos coordenados.

Consideramos, então, que, nas construções com movimento simultâneo – tal como nas construções elípticas –, o factor determinante para a não repetição de material lexical no segundo termo coordenado é a redundância. Neste caso, a repetição de um constituinte apenas se tornará redundante se existir a pressuposição de que os predicados presentes nos termos coordenados predicam acerca de uma mesma entidade. Isto significa que a ocorrência de apenas um constituinte ou de um constituinte em cada um dos termos coordenados pode ser atribuída a uma intenção, por parte do falante, de produzir, respectivamente, uma interpretação em que uma mesma entidade é afectada pelas predicções contidas nos termos coordenados ou uma interpretação em que diferentes entidades são afectadas. No primeiro caso, a construção com apenas um constituinte será, então, a construção não redundante.

Da observação conjunta dos dados que apresentámos até ao momento decorrem, então, as seguintes conclusões:

(i) O movimento simultâneo não constitui uma alternativa ao movimento assimétrico, mas antes a movimentos paralelos no interior dos termos coordenados. A opção pelo movimento simultâneo decorre de requisitos de economia que implicam uma preferência pela ausência de material redundante.

(ii) A opção pelo movimento simultâneo decorre de uma intenção do falante, reconhecida pelo ouvinte, de induzir uma interpretação em que o constituinte movido refere uma entidade (ou, nalguns casos, é uma variável que pode ser instanciada por uma entidade) que participa nas predicções contidas nos dois termos coordenados, ou seja, uma interpretação pelo menos próxima da correferência.

(iii) Por sua vez, a opção por movimentos paralelos no interior dos termos coordenados resulta de uma intenção do falante (reconhecida pelo ouvinte) de produzir uma interpretação de referência disjunta. Apenas neste caso, a repetição de material lexical não se torna redundante.

O que dissemos leva-nos, então, a assumir que a opção pela não repetição de material lexical decorre, como temos vindo a sustentar, de uma opção sistemática pela produção de estruturas não redundantes.

4. *Eclipse versus ATB*

Consideramos, então, que tanto a construção de uma estrutura elíptica como a construção em que se realiza o movimento simultâneo podem ser encaradas como o resultado da utilização de mecanismos destinados a evitar a redundância. Assim, por um lado, a *eclipse* constitui uma alternativa à repetição de material no segundo termo coordenado, sempre que se verificam as condições estruturais que, em cada língua, a legitimam. Por outro lado, a ocorrência de apenas um constituinte relacionado com ambos os termos coordenados é uma alternativa à ocorrência de um constituinte idêntico em cada termo coordenado, sempre que: (i) é pretendida uma interpretação de correferência e (ii) o constituinte ocorre numa posição estrutural em que legitime as categorias vazias que ocorrem nos termos coordenados, às quais se encontra associado.

Existem construções que podem ser ambigualmente analisadas enquanto instâncias de *eclipse* ou de movimento simultâneo. A uma frase como a que apresentamos em (25), por exemplo, pode ser atribuída qualquer uma das estruturas em questão:

(25) Telefonou o Pedro à Maria e o João à Ana.

Com efeito, embora (25) possa ser analisada como contendo uma estrutura elíptica (neste caso, de *Eclipse Lacunar*) no segundo termo coordenado, é igualmente possível encará-la como o resultado de um movimento simultâneo do verbo.

As estruturas elípticas e as chamadas estruturas ATB apresentam, efectivamente, diversos aspectos comuns, sendo ténues, nas análises recentes, as diferenças que as separam. Com efeito, em ambos os tipos de estruturas podem ocorrer movimentos do constituinte associado às categorias vazias presentes nos termos coordenados. Assim, se, por exemplo, na estrutura ATB ilustrada em (26), o constituinte *wh* se encontra associado a categorias vazias presentes nos dois termos coordenados, também na estrutura ilustrada por (27), tipicamente considerada como um caso de *Eclipse Lacunar*, o verbo com realização fonética se movimentou para T, no interior do primeiro termo coordenado, deixando um constituinte foneticamente nulo na posição em que foi inserido no início da derivação, o que significa que, também neste caso, o verbo está associado a uma posição vazia em cada termo coordenado:

(26) Que livro é que o Pedro comprou [-] e a Maria leu [-]?

(27) O Pedro telefonou [-] à Maria e o João [-] à Ana.

Por outro lado, a aceitação da ideia de que, nas estruturas com movimento simultâneo, o constituinte associado às posições foneticamente nulas nos termos coordenados pode ocupar uma posição interna ao primeiro termo coordenado – como é

defendido, por exemplo, em Munn (1993), Colaço (1993) e Matos (2000) – contribui para tornar menos nítida a diferença entre estas estruturas e as estruturas elípticas.

Resta, no entanto, uma propriedade que se torna crucial na caracterização das estruturas ATB: contrariamente ao que acontece no caso das estruturas elípticas, nestas os constituintes sem realização fonética que ocorrem nos termos coordenados estão ambos relacionados por movimento com o constituinte realizado. Foi, de resto, esta a ideia que levou a que, em trabalhos menos recentes, se tenha encarado o movimento simultâneo como um movimento de um constituinte de duas posições para uma só. Esta relação está na base do facto de, nas estruturas ATB, o constituinte realizado c-comandar obrigatoriamente as categorias vazias que lhe estão associadas, já que forma com elas uma cadeia. Este requisito de c-comando não se verifica no que diz respeito às estruturas elípticas.

5. Configurações ATB como o resultado de um princípio de economia na numeração

Em Colaço (2005), defendemos a ideia de que o movimento simultâneo não encontra uma motivação única. Seguindo a proposta de teor minimalista de que qualquer instância de movimento sintáctico resulta da necessidade de eliminação de traços não interpretáveis associados aos núcleos funcionais, a realização de movimento simultâneo poderá, quanto a nós, ser encarada como o resultado de uma associação entre a necessidade de eliminação de traços ilegítimos e a obediência a requisitos de economia que impedem a produção de redundância. Assim sendo, o movimento simultâneo pode ser associado, não apenas ao movimento que afecta constituintes *wh* ou constituintes topicalizados, mas também ao movimento que, afectando qualquer constituinte, permita obter uma configuração específica que verifique determinadas características, nomeadamente:

(i) A ocorrência de uma categoria vazia em cada termo coordenado, estando ambas relacionadas com um único constituinte com realização fonética.

(ii) A ocorrência desse constituinte numa posição que lhe permita a legitimação das referidas categorias vazias através da relação estrutural de c-comando.

Como veremos em seguida, a Teoria de Cópia+Merge proposta por Nunes (1995) e (2004) (*Copy+Merge Theory*) permite captar a ideia central que temos vindo a sustentar: a ideia de que as línguas obedecem a requisitos básicos de economia.

Na teoria do movimento proposta por este autor, *Move* não é encarado como uma operação do sistema computacional, correspondendo antes à descrição da interacção de operações independentes: Cópia, *Merge*, Formar Cadeia e Redução da Cadeia. Uma das vantagens que esta teoria do movimento apresenta reside no facto de permitir obter instâncias daquilo a que o autor chama movimento lateral (*sideward movement*), que se verifica quando o sistema computacional copia um constituinte α a partir de um objecto sintáctico K e combina (*merges*) α com um objecto sintáctico L, que foi construído independentemente e que não está ligado a K (Cf. Nunes (2004): 90):

Contrariamente, ainda seguindo a proposta de Nunes (1995) e (2004), a derivação de uma frase com movimentos paralelos no interior dos termos coordenados como a que apresentamos em (34) parte da numeração representada em (35), em que o constituinte *wh* é seleccionado duas vezes para a numeração, permitindo obter a estrutura representada em (36):

- (34) Que livro o João comprou e que livro a Maria leu?
 (35) N= {que₂, livro₂, Q₂, o₁, João₁, comprou₁, e₁, a₁, Maria₁, leu₁}
 (36) [_{andP} [_{CP} [que livro]¹ [_{TP} o João comprou [que livro]²]] [_{and} e [_{CP} [que livro]¹ [_{TP} a Maria leu [que livro]²]]]]]

Assim, a intenção de produzir uma interpretação de correferência conduz à especificação, na numeração, de apenas uma ocorrência dos itens que integram o constituinte cuja repetição produziria redundância. Esta opção tem consequências ao nível da estrutura, dado que implica que o constituinte coordenado ocorra num nível estrutural inferior àquele em que ocorre em construções em que se verificam movimentos paralelos no interior dos termos coordenados. No caso dos movimentos paralelos, a intenção de produzir uma interpretação referencialmente disjunta leva a que sejam inseridas na numeração duas ocorrências dos itens que integram o constituinte que vai ser repetido.

Temos, pois, seguindo as propostas de Nunes (1995) e (2004), um quadro que nos permite manter a ideia de que as línguas dispõem de diversos mecanismos que permitem evitar a redundância. A obtenção de estruturas por movimento lateral permite evitar, à partida, a construção de estruturas redundantes, o que parece mais económico do que qualquer hipótese alternativa que parta da produção da redundância para chegar à sua posterior eliminação.

Conclusões

Retomando o que dissemos no início, o nosso objectivo foi o de apresentar um tratamento geral da omissão de material idêntico em estruturas coordenadas baseado na ideia central de que as línguas humanas são guiadas por um princípio geral de economia, que se concretiza, neste caso, numa instrução (válida quer do ponto de vista da produção, quer do ponto de vista da compreensão) no sentido de evitar a presença de redundância. Este requisito de economia orienta as opções tomadas pelos falantes quanto à construção utilizada. Orienta igualmente a derivação das estruturas, desde o momento em que os itens lexicais são seleccionados para a numeração.

Agradeço a um dos revisores deste texto o facto de ter salientado esta questão.

Referências

- Chomsky, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. (1995). Categories and Transformations. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Colaço, M. (1993). Construções *Across-the-Board* em Português Europeu. Dissertação de Mestrado. FLUL.
- Colaço, M. (2005). *Configurações de Coordenação Aditiva: Tipologia, Concordância e Extração*. Dissertação de Doutoramento. FLUL.
- Colaço, M. (2006). Coordenação e movimento sintático: os dados do Português Europeu. *Letras de Hoje*, nº143. Porto Alegre:EDIPUCRS. pp.75-97.
- Matos, G. (1992). *Construções de Elipse do Predicado em Português – SV Nulo e Despojamento*. Dissertação de Doutoramento. FLUL.
- Matos, G. (2000). *Across-the-Board clitic placement in Romance languages*. *Probus* 12, pp.229-259.
- Matos, G. (2003). Estruturas de Coordenação. Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho (5ª ed. rev. e aum.). Cap.14, pp.549-592.
- Merchant, J. (2001). *The Syntax of Silence*. Oxford: Oxford University Press.
- Munn, A. (1993). *Topics in the Syntax and Semantics of Coordinate Structures*. PhD Dissertation. University of Maryland.
- Nunes, J. (1995). *The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program*. PhD Dissertation. University of Maryland.
- Nunes, J. (2004). *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Camb., Mass.: MIT Press.
- Ross, J. (1967). *Constraints on Variables in Syntax*. PhD Dissertation. MIT.